

---

Abrir Sumário

## A COMPREENSÃO DO TEMPO E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA DA TEMPORALIDADE EM HISTÓRIA EM ARTICULAÇÃO COM A MATEMÁTICA EM ALUNOS DO 4.º ANO

ANA JOÃO MARQUES DE OLIVEIRA

MARIA GLÓRIA PARRA SANTOS SOLÉ

*Centro de Investigação em Educação (CIED) – Universidade do Minho*

**RESUMO:** O presente estudo foi implementado numa turma de 4.º ano de escolaridade de 20 alunos, numa escola da cidade de Braga. Perspetivou-se com este estudo de investigação-ação analisar de que forma os alunos compreendem e desenvolvem conhecimentos ao nível do tempo e da temporalidade em História em articulação com a Matemática. O conceito de tempo e de tempo histórico são complexos e a estes surgem associados conceitos como cronologia, duração, mudança, periodização, apesar de serem de difícil compreensão e assimilação por parte dos alunos, são fundamentais para compreender a passagem do tempo em História. No âmbito deste estudo formularam-se as seguintes questões de investigação: Que conceções, conhecimentos e competências detém os alunos ao nível da temporalidade?; Como é que os alunos constroem e desenvolvem a compreensão do tempo e da temporalidade em História em articulação com a Matemática (raciocínio lógico-matemático) a partir de atividades desafiadoras e problematizadoras?; Que competências ao nível da compreensão da temporalidade desenvolveram os alunos a partir das atividades desafiadoras e problematizadoras que visaram articular a História e a Matemática? No suceder das intervenções realizadas, foram implementadas diversas atividades, onde foram aplicados diferentes instrumentos para a recolha de dados. Este grupo de alunos evidenciou no início do projeto graves lacunas no que concerne ao tempo e à temporalidade em História, tendo-se verificado com a sua implementação um grande progresso ao nível da capacidade de interpretação e sequencialização de acontecimentos num friso cronológico, bem como na compreensão do conceito de duração, que implicava raciocínio lógico-

matemático. As competências desenvolvidas ao nível da compreensão da temporalidade revelam-se essenciais para uma melhor aprendizagem da História.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Educação Histórica, Educação Matemática, Compreensão Histórica.*

## INTRODUÇÃO

O presente estudo surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, resultante do plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Tendo sido implementado numa escola de 1.º Ciclo, numa turma de 4.º ano de escolaridade, constituída por 20 alunos. Insere-se este estudo no projeto de investigação-ação que implementamos e que adotou como tema principal “A compreensão do tempo e o desenvolvimento da competência da temporalidade em História em articulação com a Matemática em alunos do 4.º ano”, e tinha como principal objetivo analisar em que medida os alunos apreendem e desenvolvem conhecimentos sobre o tempo e temporalidade em História em articulação com a Matemática.

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O conceito de tempo trata-se de um conceito bastante complexo e vasto, apesar de não haver um autor que o tenha definido de forma concreta, existem várias concepções sobre o mesmo. Neste sentido SOLÉ (2009) salienta que estamos constantemente envolvidos por diferentes formas de tempo que se inter-relacionam umas com as outras: o tempo físico; o tempo pessoal; o tempo social; o tempo psicológico e o tempo histórico. A autora explicita que o tempo social “é o tempo dominante de uma sociedade, que institui regras e horários para a organização da vida em sociedade” (SOLÉ, 2009: 32). Realça que o tempo social é igualmente considerado como tempo convencional, todavia “nem sempre coincide com o tempo cronológico, embora por vezes isso possa acontecer” (SOLÉ, 2009: 33). Segundo a mesma autora o tempo pessoal “varia consoante as situações da vida de uma pessoa, por exemplo o tempo para uma criança geralmente ‘passa’ com certa lentidão, enquanto para um adulto normalmente se passa o inverso” (SOLÉ, 2009: 33). CASTILLO (2015) na sua obra *Piensemento histórico y evaluación de competencias* faz a distinção entre o tempo físico, denominando-o como tempo objetivo ou universal e o tempo psicológico, ou subjetivo. Para o autor o tempo objetivo é “convencionalmente homogéneo y medible en horas, dias, meses, años, siglos, etc.”, em contrapartida o tempo subjetivo depende da experiência pessoal “(variable, heterogénea y cambiante)” (CASTILLO 2015: 173). Adianta que atendendo ao interesse de tal ou tais experiências o tempo acelera ou retarda, sendo assim impossível efetuar uma medição objetiva do mesmo.

PAGÉS (1989) refere que uma condição fundamental para compreender o tempo e a mudança social é o domínio dos instrumentos de medida do tempo que cada sociedade adotou.

Instrumentos como o relógio, o calendário, que segundo SOLÉ (2009) estão integrados no tempo físico/mensurável, expresso na cronologia.

Entendendo-se por cronologia uma sucessão de acontecimentos, que é utilizada por diversas vezes, associada ao sistema de datação e vocabulário de tempo (SOLÉ, 2009), mas também se relaciona com a capacidade “colocar acontecimentos de forma correcta numa sequência temporal” (WOOD 1995, cit. por SOLÉ 2009: 35).

STOW e HAYDN (2004, cit. por SOLÉ, 2009: 41) reconhecem a importância do conhecimento do sistema de datação “sem o qual a História seria uma disciplina sem sentido”. Para os autores, as datas são um “pré-requisito para a compreensão histórica” (STOW e HAYDN, 2004, cit. por SOLÉ, 2009: 41). Sem a integração das datas no ensino da História os alunos apresentariam graves lacunas no conhecimento de acontecimentos históricos importantes e na sua localização contextualizada no tempo.

ANSENSIO, CARRETERO & POZO (1989), salientam que o tempo histórico se trata de um metaconceito ou um conceito de ordem superior, que requer uma grande variedade de conceitos ou noções temporais. Para FREITAS, SOLÉ E PEREIRA (2010) o tempo histórico engloba conceitos como cronologia, duração e horizonte temporal, “o conhecimento de datas, a representação do tempo, as noções temporais associadas à mudança social e à causalidade” (FREITAS, SOLÉ E PEREIRA, 2010: 118). SOLÉ (2009: 151) adianta que a “aprendizagem do tempo histórico, para além de ser uma parte fundamental da disciplina de História, dá-lhe coerência e é um importante factor de organização.”. Por outras palavras, este conceito é imprescindível para a compreensão histórica.

O conceito de tempo, como já foi referido, é abstrato e de difícil compreensão. Para FREITAS, SOLÉ E PEREIRA (2010: 122) “o tempo envolve a Matemática, pois este é calculado matematicamente”. Vários autores consideram que competências matemáticas são importantes para o desenvolvimento de conceitos de tempo (FRIDMAN, 1982; FREITAS, SOLÉ & PEREIRA, 2010; HODKINSON, 2003). FRIEDMAN (1982, cit. por SOLÉ, 2015) alega, por exemplo, que para o entendimento das horas, dias, semanas, anos, é necessária uma boa assimilação dos números ordinais. Por exemplo, só assim será possível associar quantidades a períodos de tempo. Todavia a representação do tempo numericamente é abstrata, o que aumenta o nível de dificuldade (SOLÉ, 2009: 64). Para WEST (cit. por SOLÉ, 2009: 120), esta dificuldade, está associada aos números, ou seja, à matemática, e que por isso “as crianças levam alguns anos a compreender a associação do número ao tempo”. No entanto, tal articulação é fundamental para a aquisição de noções temporais e respetiva compreensão histórica, pois,

apesar do tempo do relógio e do calendário surgirem associados ao conceito de tempo em História, os mesmos são apreendidos e desenvolvidos no âmbito da Matemática.

Muitos autores defendem que a utilização de linhas do tempo potencia o desenvolvimento de conceitos de tempo e compreensão temporal (SOLÉ, 2009: 119). Por exemplo HOODLESS (cit. por SOLÉ, 2009: 130) sustenta que as linhas de tempo também potenciam o desenvolvimento da linguagem e da matemática. Sobre esta última, salienta que a sua contribuição está nas “decisões sobre organização, escala e medições que poderão envolver a aplicação de conceitos e *skills* de matemática”. Para SOLÉ e BARCA (2012), a construção de linhas de tempo diversas facilita o desenvolvimento de noções temporais como cronologia e duração, estando ambas, segundo WOOD (1995, cit. por SOLÉ 2009) relacionadas com a compreensão matemática.

## METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O presente projeto de intervenção pedagógica supervisionada baseou-se numa metodologia de investigação-ação. Esta metodologia, segundo DICK (1999 cit. por COUTINHO et al 2009: 360) pode ser descrita como “uma família de metodologias que incluem acção (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre acção e reflexão crítica”. Até porque a prática e a reflexão assumem uma interdependência. É na capacidade de refletir que reside o reconhecimento dos problemas e, conseqüentemente emerge o “pensamento reflexivo” aliado à “prática reflexiva”. Por sua vez, cabe ao professor “planificar, agir, analisar, observar e avaliar as situações decorrentes do ato educativo, podendo assim refletir sobre as suas próprias ações”, (COUTINHO et al., 2009: 358) com o intuito de melhorá-las.

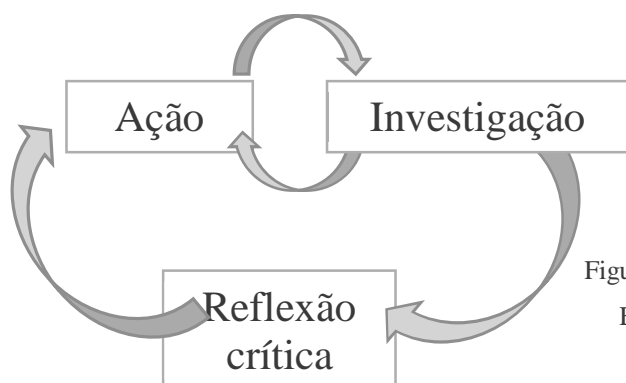


Figura 1 – Metodologia de Investigação-ação. Fonte:

Elaboração própria, em Junho de 2016.

Atendendo às particularidades da metodologia adotada na presente investigação, no suceder do estudo, as sessões de intervenção realizadas foram pensadas e planeadas com o

intuito de privilegiar uma perspectiva construtivista. Esta perspectiva foi amplamente difundida pela autora ISABEL BARCA (2004), que a apelidou de “aula oficina”. Neste modelo de ensino o aluno é visto como o agente principal na aquisição do seu próprio conhecimento e o professor é encarado como um mediador/ facilitador e investigador no processo ensino-aprendizagem. A implementação de um modelo desta índole em contexto de sala de aula, promove, por parte dos alunos, um desenvolvimento de mais e melhores ideias, de um pensamento reflexivo, a adoção de uma postura ativa, segura, confiante e crítica na sociedade envolvente, fazendo com que todas as aprendizagens construídas se tornem significativas.

No quadro n.º 1 encontra-se o desenho do estudo, que foi realizado numa turma de 4.º ano de escolaridade, constituída por 20 alunos.

<b>Momentos</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Informações a obter</b>
1	- Que conceções detêm os alunos ao nível da temporalidade?	- Ficha diagnóstica.	- Que conhecimentos têm os alunos sobre o sistema convencional de medição do tempo? (ex. a duração de um século; conversão de datas em séculos; períodos históricos-periodização)? - Que conceções detêm sobre friso cronológico?
2	- Como é que os alunos constroem e desenvolvem a compreensão do tempo e da temporalidade em História em articulação com a Matemática?	- Fichas de trabalho - Linhas de tempo (exploração e construção).	- Que competências desenvolvem os alunos aquando da resolução de problemas que envolvem a cronologia (datação e sequencialização)? - Que informações extraem os alunos quando exploram linhas de tempo? - Que inter-relações são capazes de fazer, partindo da exploração de linhas de tempo (sequencialização, duração, intervalo de tempo)? - Que desenvolvimentos cognitivos e competências temporais ocorrem, quando confrontados com diferentes frisos cronológicos?

3	- Que competências desenvolveram os alunos ao nível da compreensão da temporalidade?	-Linha de tempo (construção - acontecimentos históricos mais importantes) - Ficha de metacognição.	- Que dificuldades os alunos evidenciaram ao nível na compreensão do tempo e do tempo histórico? - Como mobilizam o raciocínio lógico- matemático para desenvolver competências ao nível da temporalidade?
---	--	---	---

**Quadro n.º 1-** Desenho global das intervenções realizadas no âmbito do estudo desenvolvido com alunos do 4.º ano de escolaridade.

Fonte: Elaboração própria, outubro de 2015.

Tendo por base as questões de investigação anteriormente apresentadas no Quadro n.º 1, pretende-se com este estudo alcançar os seguintes objetivos:

- Compreender a relevância da temporalidade como um domínio/competência essencial para a compreensão histórica dos alunos.
- Demonstrar a interrelação entre o conceito de tempo e de tempo histórico, ao nível da cronologia (datação e sequencialização) e a sua articulação com a Matemática (raciocínio lógico matemático e a resolução de problemas).
- Identificar os maiores obstáculos/dificuldades na compreensão do tempo e do tempo histórico pelos alunos;
- Desenvolver na sala de aula uma prática de ensino da história, que visa expandir a compreensão temporal (cronologia e mudança);
- Promover metodologias e estratégias que visam desenvolver a compreensão temporal e o raciocínio lógico matemático: exploração e construção de linhas de tempo para localizar e ordenar acontecimentos, relacionar datas com os acontecimentos integrando no contexto histórico.
- Analisar o papel do professor e do aluno no processo de construção de conhecimento sobre temporalidade, articulando a História e a Matemática.

Desta forma, perspetivou-se implementar estratégias de intervenção pedagógica que fomentassem aprendizagens significativas, integradoras, diversas e apropriadas a este grupo de alunos. De modo a proporcionar aos mesmos, uma integração de novos conhecimentos, aos que já possuem.

Assim sendo, apresenta-se, de seguida, as estratégias de intervenção, desenvolvidas no âmbito das intervenções realizadas:

- Mobilização dos conhecimentos prévios face a noções temporais, a partir da realização de uma ficha diagnóstica;
- Fichas de trabalho, envolvendo o conceito de tempo;
- Resolução e construção de problemas tendo por base noções de temporalidade;
- Exploração e construção de linhas de tempo; esquemas temporais; genealogias de personalidades e de reis;
- Tarefas de sequencialização de factos e acontecimentos num determinado período de tempo, em frisos cronológicos e esquemas temporais;
- Tarefas que implicam relacionar datas, acontecimentos e períodos históricos, partindo de frisos cronológicos;
- Ficha de metacognição.

No que concerne à recolha de dados relativos ao projeto de intervenção e respetiva avaliação dos mesmos, estas basearam-se nas seguintes técnicas e instrumentos de recolha de dados:

- Observação direta e participada;
- Registos escritos diários (diários de aula);
- Ficha diagnóstica respondida pelos alunos;
- Trabalhos executados pelos alunos e fichas de trabalho (tarefas de papel e lápis);
- Registos em formato áudio e fotográfico;
- Registo da evolução de conhecimentos efetuada pelos alunos (grelhas de registo);
- Registo de incidentes críticos.
- Ficha de metacognição

Após a recolha de dados resultante das intervenções realizadas, procedeu-se à análise de conteúdo (BARDIN, 1991), a partir desta foi possível construir categorias e respetivos descritores, segundo critérios previamente definidos, resultantes dos dados obtidos.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DE ALGUNS DADOS**

Os dados que serão apresentados de seguida foram obtidos através da aplicação de vários instrumentos. Atendendo ao trabalho desenvolvido no âmbito de construção e análise de linhas de tempo, serão analisados dois dos instrumentos que foram construídos para esse fim, entre os quais se destacam: a ficha diagnóstica e ficha sobre temporalidade histórica.



A ficha diagnóstica foi respondida por 17 alunos, e visava o levantamento das suas concepções prévias relativas ao conceito de tempo, unidades de tempo relacionadas com o sistema convencional de medição do tempo, cronologia, duração, bem como instrumentos que permitem representar o tempo, nomeadamente linhas de tempo, entre outros. Este contemplou a realização de dez questões, sendo que uma implicava unidades de tempo, quatro o conceito e aplicabilidade de linhas de tempo, uma de conversões de unidades de tempo (ano em século), uma de construção de uma linha de tempo horizontal e por último três questões de análise da linha de tempo construída. Neste momento apenas será apresentada a análise feita à **questão 2** e **questão 7**. Com a **questão 2** “*Explica por palavras tuas o que entendes por linha de tempo.*”, importa destacar o conhecimento que os alunos detinham, numa fase inicial sobre o significado que linha de tempo assume.

As respostas apresentadas pelos alunos possibilitaram a elaboração da seguinte categorização:

Categorias	Respostas dos alunos	Número de ocorrências
As linhas do tempo estão associadas ao sistema convencional de medição do tempo (unidades de tempo)	<p>“A linha de tempo é uma linha que serve para identificar os anos” (aluno 3)</p> <p>“A linha de tempo serve para pôr os anos.” (aluno 9)</p> <p>“Eu entendo que numa linha de tempo pomos os anos e séculos, seja a.C. ou d.C.” (aluno 16)</p> <p>“Uma linha de tempo, para mim, é uma linha com anos ou séculos que referem alguns acontecimentos.” (aluno 13)</p> <p>“É uma linha onde pomos datas e séculos, de coisas que já aconteceram.” (aluno 5)</p> <p>“As linhas de tempo servem para ver os séculos passados” (aluno 1)</p> <p>Eu entendo por linha de tempo, que se usa para pôr os tempos.” (aluno 11)</p> <p>“Que dá para medir tempos” (aluno 2)</p>	8

As linhas de tempo servem para mostrar acontecimentos importantes do passado (pessoal ou nacional).	<p><i>“Eu entendo que as linhas de tempo servem para ver as datas de nascimento ou dia em que nasceram”</i> (aluno 4)</p> <p><i>“Dá para ver datas.”</i> (aluno 14)</p> <p><i>“Uma linha de tempo é onde vemos fotos ou datas em que aconteceu uma situação importante.”</i> (aluno 15)</p> <p><i>“As linhas de tempo são linhas que mostram quando alguém fez uma coisa importante, por exemplo.”</i> (aluno 6)</p> <p><i>“Uma linha de tempo é onde aconteceu algumas coisas antigas.”</i> (aluno 8)</p> <p><i>“A linha de tempo é onde se põe acontecimentos importantes ou números.”</i> (aluno 12)</p>	6
As linhas do tempo são encaradas como algo sem significado.	<i>“Eu entendo que uma linha de tempo é uma linha com muitos traços.”</i> (aluno 7)	1
Sem resposta	Ausência de resposta	2

**Quadro n.º 2** - Categorização das respostas dos alunos à Questão 2-Explica por palavras tuas o que entendes por linha de tempo.

Como se pode verificar através da análise do quadro acima apresentado, as respostas dos alunos foram associadas a diferentes categorias. Atendendo às respostas apresentadas pelos mesmos, num total de 17 alunos apenas 2 abstiveram-se de responder à questão apresentada inicialmente.

Na categoria *As linhas do tempo estão associadas ao sistema convencional de medição do tempo (unidades de tempo)*, foram integradas 8 respostas. A presente categoria contém todas as respostas em que os alunos reportam questões relacionadas com unidades de tempo (anos e séculos).

Na categoria seguinte *As linhas de tempo servem para mostrar acontecimentos importantes do passado (pessoal ou nacional)*, foram agregadas 6 respostas. Nesta categoria assume-se todas as respostas dos alunos que associam a função das linhas de tempo a questões relacionadas com o passado pessoal e/ou nacional.

À terceira categoria *As linhas do tempo são encaradas como algo sem significado*, foi associada 1 resposta. A presente categoria comporta todas as respostas onde os alunos levantam questões relacionadas com a falta de significatividade e aplicabilidade das linhas do tempo.

Através da análise das respostas apresentadas conclui-se que os alunos ainda possuem uma ideia bastante vaga acerca da função que as linhas de tempo assumem.

Com a **questão 7** “*Ordena os séculos da alínea anterior, com os respetivos acontecimentos, na seguinte linha de tempo*”, importa avaliar a capacidade dos alunos, numa fase inicial, de sequencializar e localizar cronologicamente os acontecimentos de uma alínea anterior, numa linha de tempo horizontal.

Tendo por base as respostas apresentadas pelos 15 alunos, que realizaram este exercício, constatou-se que nenhum conseguiu resolver com sucesso esta questão. Dado que representaram erradamente os séculos (em numeração romana) na linha de tempo, e não sequencializaram nem localizaram cronologicamente os acontecimentos solicitados. Neste contexto, é possível concluir, que este grupo de alunos, nesta fase inicial, ainda não possui competências a este nível.

A ficha sobre temporalidade histórica adotava como tema principal a conceção do tempo aliada ao raciocínio lógico-matemático. Este instrumento foi respondido pelos 17 alunos da turma e contemplou 7 questões. Uma das questões está relacionada com os conteúdos de História trabalhados ao longo de várias sessões, uma outra engloba conversões de unidades de tempo (anos em séculos) e as duas últimas implicavam a construção e respetiva análise de uma linha de tempo horizontal. Neste texto apenas se apresenta a análise à **Questão 4** “*Recorrendo ao friso cronológico, realizado na alínea anterior, responde às seguintes questões: 4.1. Aponta qual o acontecimento mais recente; 4.2. Refere qual o acontecimento mais antigo; 4.3. Indica a diferença entre o acontecimento mais recente e o acontecimento mais antigo; 4.4. Menciona quais os acontecimentos ocorridos no século XII; 4.5. Refere quais os acontecimentos ocorridos no século XV*”, visando destacar as competências dos alunos no que concerne à exploração e interpretação de linhas de tempo. O gráfico que se segue corresponde à análise das respostas dadas pelos alunos à questão aplicada.

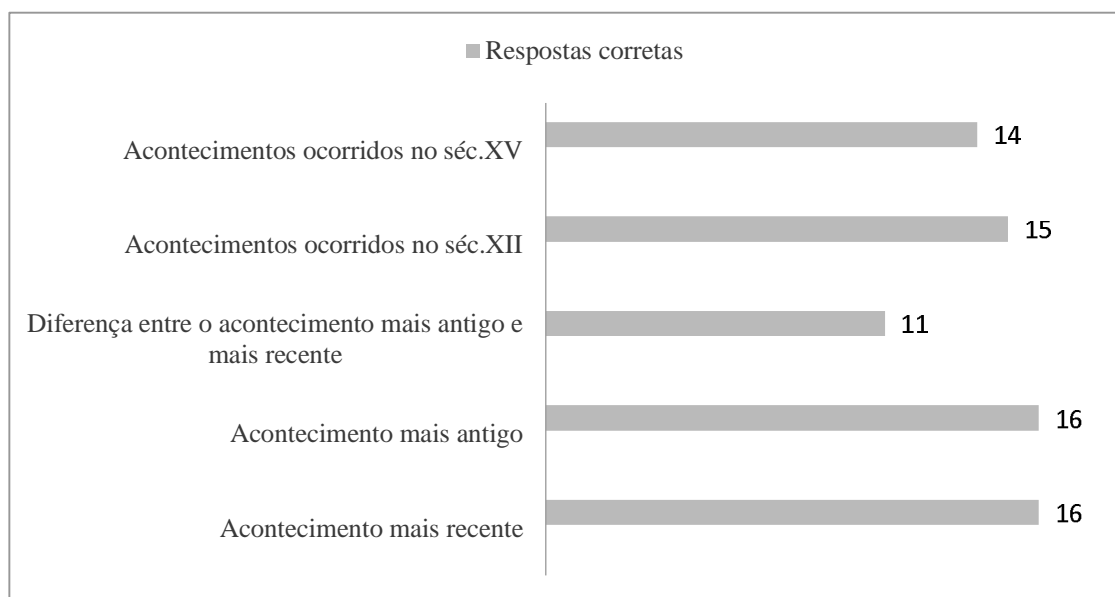


Gráfico n.º 1 - Análise de um friso cronológico

A partir da análise das respostas apresentadas, verifica-se que 16 alunos não apresentaram qualquer dificuldade na identificação do acontecimento mais antigo e mais recente. Apenas um aluno não conseguiu responder corretamente a estas duas questões.

Relativamente à identificação dos acontecimentos ocorridos no séc. XV, dos 17 alunos, 14 responderam corretamente ao solicitado. Devido ao facto dos exercícios da presente ficha de trabalho estarem relacionados, os alunos que erraram este exercício foram influenciados pelas respostas dadas em questões anteriores, o mesmo sucedeu aquando da solicitação dos acontecimentos ocorridos no séc. XII, onde dois alunos responderam erradamente.

No que diz respeito à questão onde era solicitada a diferença entre o acontecimento mais antigo e o acontecimento mais recente, recorrendo à subtração, apenas 11 alunos dos 17, que responderam ao exercício, conseguiram efetuar o cálculo sem qualquer dificuldade. Os restantes elementos (6 alunos) demonstraram dificuldades a este nível, sendo que em alguns casos não passou de uma simples distração. Todavia o caso mais crítico ocorreu quando na representação do algoritmo da subtração um aluno colocou o aditivo abaixo do subtrativo, revelando que o cálculo da subtração ainda não se encontra de todo consolidado.

## NOTAS FINAIS

Numa retrospectiva do presente estudo desenvolvido em volta do tempo e da temporalidade em História em articulação com a Matemática, com este grupo de alunos, na perspectiva

do professor investigador, considera-se que as linhas do tempo foram uma ferramenta essencial para desenvolver, nos mesmos, competências a diferentes níveis. Os alunos numa fase inicial, ainda não detinham competências essenciais para as utilizar de forma correta. Todavia com a dinamização de atividades contínuas e progressivas que promoveram a construção e exploração de linhas de tempo, fez com que os mesmos se apropriassem de conceitos como cronologia (sequência e datação) e duração (SOLÉ & BARCA, 2012), consequentemente adquirissem novos vocábulos ligados ao tempo em História, e desenvolvessem e alargassem conhecimentos de matemática (retas numéricas, divisão, números inteiros, números fracionários).

Estabelecendo comparações entre análises feitas aos dados recolhidos, foi possível constatar também a evolução dos alunos no que concerne à aquisição de competências de sequencialização cronológica de acontecimentos num friso cronológico e interpretação e análise do mesmo.

Podemos concluir que este estudo permitiu verificar que: a) a conceção e compreensão de conceitos como o tempo e o tempo histórico, bem como de outros conceitos que lhes são associados são desenvolvidos de forma gradual; b) um ensino contínuo e sistemático é relevante para a apropriação destes conceitos, que são fundamentais para a compreensão histórica. As competências ao nível da temporalidade revelam-se essenciais para que os alunos sejam capazes de perceber o passado, relacioná-lo com o presente e projetar o futuro. E, também construir alicerces que os auxiliarão numa melhor aprendizagem da História no futuro.

## BIBLIOGRAFIA

ASENSIO, Mikel; CARRETERO, Mário; POZO, Juan Ignacio - La comprensión del tiempo histórico. In CARRETERO, Mário; ASENSIO, Mikel (Ed.) - *La enseñanza de las Ciencias Sociales*. Madrid: Visor Distribuciones, 1989, pp.103-139. J. I. Pozo.

BARCA, Isabel - Aula Oficina em História: do Projecto à Avaliação. In. BARCA Isabel (Org.) - *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.

BARCA, Isabel; SOLÉ, Glória - *Educación histórica en Portugal: metas de aprendizaje en los primeros años de escolaridad*. «Revista electrónica interuniversitaria de formación del profesorado», Vol. 15 (2012), 1: 91-100.

BARDIN, Laurence - *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

CASTILLO, Jesús - *Piensemento histórico y evaluación de competências*. Barcelona: Editorial GRAÓ, 2015.

COUTINHO, Clara; [et. al] - *Investigação-acção: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas*. Psicologia, Educação e Cultura 2009, vol. XIII n.º 2 (2009), pp. 355-379. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação.

FREITAS, Maria Luísa V. de; SOLÉ, Glória Santos; PEREIRA, Sara - *Metodologia de História*. Luanda: Plural Editores, 2009.

PAGÉS, Joan - Aproximación a un currículum sobre el tiempo histórico. In: J. Rodríguez Frutos (Ed.). *Enseñar historia. Nuevas propuestas*. Barcelona: Laia Cuadernos de Pedagogía, 1989, pp.107-138.

SOLÉ, Maria Glória - *A História no 1.º Ciclo do Ensino Básico: a Conceção do Tempo e a Compreensão Histórica das crianças e os Contextos para o seu Desenvolvimento*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, 2009. Dissertação de doutoramento, Ramo de Estudos da Criança, Área de Estudos do Meio Social

SOLÉ, Glória - A compreensão do tempo e do tempo histórico pelas crianças: um estudo de caso com alunos portugueses do 1.º. CEB. *Diálogos* (Maringá. Online), 2015, 19 (1): 143-179.